

CORPO: ALÉM DO INVISÍVEL

Fábio Estefanio Lustosa de Brito Lopes¹

RESUMO

Este trabalho inscreve-se como um gesto de resistência poética diante da hipervisibilidade e do consumo de corpos. Em meio à névoa que nossos modos de vida coletivos produzem, o projeto "Corpo: além do invisível" surge como um documentário-pretexto para uma pesquisa expandida no campo da arte e da educação, onde o corpo é concebido como território político e a imagem, matéria de enfrentamento. A partir de oficinas sociopoéticas realizadas com jovens da educação pública no Piauí, o filme propõe uma reflexão sobre o adoecimento juvenil no chão da escola não apenas como sintoma, mas como efeito das biopolíticas que capturam corpos e subjetividades, reduzindo-os a dados e diagnósticos. Na constituição de um grupo-pesquisador, os jovens criam imagens a partir de seus próprios corpos — afetados, escaneados e arquivados — respondendo com movimentos à lógica fria da produtividade e da vigilância. Ao mobilizar o audiovisual como dispositivo, o trabalho propõe a criação de uma "contra-imagem": não aquela que expõe, mas que escuta; não a que consome, mas a que se permite opor à lógica do tempo-moeda e revelar o que a história tenta apagar. Neste atravessamento entre arte, educação e tecnologias, o trabalho questiona: como resistir à territorialização dos corpos pelo algoritmo? Como criar, a partir da imagem, um espaço de abrigo? Diante de corpos diariamente minerados como dados, a imagem poética aqui se propõe como forma de reconectar território e existência.

Palavras-chave: Corpo, Sociopoética, Audiovisual, Juventudes.

INTRODUÇÃO

Este artigo emerge da reflexão sobre projeto de pesquisa de Doutorado realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação(UFPI) em seu estágio inicial. Por isso, o leitor não encontrará aqui resultados finais, mas sim um primeiro esboço. A pesquisa nos convida a olhar o corpo jovem a partir de um olhar para a Escola como espaço de cuidado. Um passeio bibliográfico que nos conecta a pensadores que resgatam o corpo como constituinte de saberes e a arte como ferramenta de cura e resistência. Nosso foco é registrar o que queremos descobrir: como a força da arte performática e das narrativas juvenis sobre o sofrimento podem gerar conceitos e práticas educativas que transformem a escola em um verdadeiro lugar de acolhimento e bem-estar. A ideia é desafiar o tempo linear e convocar a energia do corpo em movimento, na esperança de uma educação transversalizada e plural.

A saúde mental e física dos jovens tem se tornado uma preocupação crescente na sociedade contemporânea. Dados recentes apontam para um cenário preocupante em relação à saúde mental de adolescentes e jovens. Segundo a Organização Mundial

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí - UFPI, Professor IFPI, fabiolopes@ifpi.edu.br;



da Saúde (OMS, 2021), cerca de 1 em cada 7 adolescentes de 10 a 19 anos experimenta um transtorno mental, sendo depressão, ansiedade e transtornos comportamentais as principais causas de doença e incapacidade nessa faixa etária. O suicídio figura como a quarta principal causa de morte entre jovens de 15 a 19 anos. No Brasil, o cenário não é diferente. De acordo com o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (BRASIL, 2019), 31,5% dos adolescentes brasileiros apresentaram sintomas de depressão e 13,2% relataram ter pensamentos suicidas. Um relatório da UNICEF Brasil (2021) revela que 22% dos adolescentes brasileiros sentem-se ansiosos frequentemente, enquanto 16% sentem-se tristes ou deprimidos com frequência.

Nesse contexto, a escola emerge como um espaço de constante tensão na construção de bem-estar e representatividade. Como afirma ADAD e SILVA, 2021,

...entendemos que os jovens são comumente vistos como ameaça à ordem instituída, pois considerados marginais, rebeldes, pouco capazes, dentre outros adjetivos pejorativos que terminam por produzir estigmas que muitas vezes fazem com que essas juventudes se sintam excluídas dos contextos sociais nos quais se inserem. (ADAD; SILVA, 2021 p. 317)

Assim, torna-se fundamental investigar como as práticas educativas podem contribuir para o acolhimento e bem-estar dos jovens em situação de sofrimento e exclusão. Hooks(2013,p25) afirma que devemos procurar caminhos para "ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e íntimo.

Isso se alinha com a preocupação em criar um ambiente acolhedor nas escolas, onde os jovens se sintam seguros para compartilhar suas experiências e assim,"fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora. (HOOKS, 2013, p. 56)

É aí, a partir do lugar, que se pode pensar em outras matemáticas, outras físicas, outras linguagens, outras químicas, enfim, em outros saberes que tenham a vida como fundante, em outros saberes que não se construam de forma compartimentalizada, que brotem da vida na sua real complexidade, ou seja, na complexidade de cada tempo-espço. (DÍAZ et al., 2009, p. 67)

O processo inicial da pesquisa tem como aporte, três pilares principais: 1) observações em sala de aula, baseadas na experiência como professor do ensino básico e ensino superior; 2) pesquisa realizada para o roteiro da pesquisa audiovisual "Corpo: além do invisível", que aborda questões relacionadas à saúde mental juvenil e educação; e 3) análise dos temas, problemas e conflitos que emergem das pesquisas



sociopoéticas realizadas no Observatório das Juventudes e Violências na Escola (OBJUVE) e no Núcleo de Estudos e Pesquisas "Educação, Gênero e Cidadania" (NEPEGECI).

A narrativa deve se desenvolver a partir de uma oficina sociopoética com jovens diversos de subjetividades diversas, muitas vezes marginalizadas, entre 17 e 22 anos, estudantes de instituições públicas, que estão na transição do ensino médio e a universidade, vivendo em diferentes realidades e territórios.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar como as práticas artísticas performáticas audiovisuais, e narrativas sobre juventude e adoecimento dentro das escolas de ensino médio produzem temas, problemas, confetos, estratégias metodológicas, dispositivos e conhecimentos para a invenção de uma educação de acolhimento e bem estar. Assim, busca-se contribuir constituindo acervo para o inventário das pesquisas sociopoéticas desenvolvidas no Observatório das Juventudes e Violências na Escola (OBJUVE) e no Núcleo de Estudos e Pesquisas "Educação, Gênero e Cidadania" (NEPEGECI).

Ao privilegiar formas artísticas performáticas de produção de dados, a sociopoética permite mobilizar "capacidades criadoras que mobilizam o corpo inteiro e revelam fontes não conscientes de conhecimento" (GAUTHIER, 2012, p. 75). Leda Maria Martins afirma que "o corpo é onde a história se faz presente, onde as memórias se inscrevem e se reatualizam" (MARTINS, 2021, p. 12). Essa perspectiva destaca a importância de reconhecer o corpo como um agente ativo na construção das identidades. Além disso, Martins argumenta que as experiências corporais são fundamentais para a formação de vínculos sociais e culturais, pois as memórias corporais influenciam nossas interações e percepções do mundo.

A escolha da sociopoética como metodologia se justifica por sua ênfase na valorização dos saberes dos sujeitos da pesquisa e no uso de dispositivos artísticos para a produção de dados. Como destaca Gauthier (2012, p. 74-75), a sociopoética é norteadora por cinco orientações metodológicas, incluindo "a instituição do dispositivo do grupo-pesquisador, no qual cada participante da pesquisa está ativo em todas suas etapas [...] e pode interferir no devir da pesquisa". Através da sociopoética, este projeto tem a:

...intenção de potencializar a capacidade inventiva e do corpo em movimento na educação, ao desenvolver ações com/entre os jovens do ensino superior e médio, fazendo uso da arte e de práticas alternativas de educação, baseadas na pluralidade cultural. Aliadas a isso, pretendi fomentar, entre eles, o espírito crítico, a invenção de outras formas de



pensar a produção do conhecimento, com o fazer coletivo sobre temas geradores que envolvem as problemáticas e os interesses vivenciados por eles na contemporaneidade, além de favorecer a produção de novos saberes e de outras práticas de ensino-aprendizagem alicerçadas em Círculos de Cultura Sociopoéticos, tendo em vista a valorização da vida de adolescentes e jovens. (LINGUAGENS, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE. 2013, p23-24)

A relevância deste estudo se evidencia diante do cenário preocupante de adoecimento juvenil. Como aponta Silva (2021, p. 132), "em meio à aridez, a vida clama! Aqui, sinto-me irmanada ao mundo e seus problemas".

Por fim, espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para a construção de práticas educativas mais acolhedoras e sensíveis em diálogo com práticas artísticas, pois a práxis, "é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido." (FREIRE, 1987, p. 52). E principalmente, "chamar atenção para o corpo é trair o legado de repressão e de negação que nos foi transmitido pelos professores que nos antecederam." (HOOKS, 2013, p. 253). Isso nos faz refletir sobre "aquelas formas de soberania cujo projeto central não é a luta pela autonomia, mas 'a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações'." (Mbembe, 2018 p. 9)

METODOLOGIA

Dada as diversidades e subjetividades que permeiam a investigação dos sujeitos desta pesquisa, jovens estudantes de instituições públicas que estão na transição entre o ensino médio e a universidade, o estudo exige uma metodologia que vá além da simples coleta de dados objetivos. A pesquisa deve focar na análise da interrelação entre os significados e ressignificados que emergem das práticas performativas e das narrativas artísticas produzidas por esses sujeitos. Essa abordagem deve se alinhar com os princípios de uma educação transformadora, que utiliza a arte e a experiência do corpo como ferramentas para desconstruir estruturas opressoras e construir novos conhecimentos. A performance desses corpos, ao ocupar espaços institucionais, ressignifica o território e desafia as normas estabelecidas, conectando-se diretamente com os objetivos da pesquisa em promover práticas educativas de acolhimento e bem-estar através da arte, nas escolas.

Daí o caminho de técnicas de inspiração artística para a produção dos dados: artes plásticas, música, dança, teatro, contos e poesia são o caminho



para que se expressem esses saberes do corpo, geralmente velados, subconscientes ou inconscientes." (GAUTHIER; ADAD, 2020, p. 277)

Assim, ao defender as práticas e construção de conhecimentos coletivos, a metodologia abraçada para o desenvolvimento da pesquisa é a sociopoética, metodologia que possibilita a articulação das vivências subjetivas e corporais dos jovens,

"assim, a terceira orientação da sociopoética é a exigência de produzir conhecimentos a partir de todas as potências do corpo, e não apenas a razão abstrata, que possui grande valor, mas não esgota nossa força cognitiva e criativa: a sensibilidade (no toque, no cheiro, na escuta e fala etc.), a emoção, a intuição, a gestualidade, a imaginação e, notadamente, a faculdade de pensar em imagens e até a razão prática (fazer ou dizer a coisa certa no momento certo) participam do que nos é oferecido pelo nosso corpo para investigar o ambiente." (GAUTHIER; ADAD, 2020, p. 276)

No cumprimento do primeiro objetivo específico — identificar, selecionar e organizar os temas, problemas e conflitos gerados pelas práticas juvenis —, serão realizadas oficinas sociopoéticas a partir da instituição do dispositivo do grupo-pesquisador, jovens de 17 a 22 anos, estudantes de instituições públicas na fase de transição entre o ensino médio e a universidade. Durante essas oficinas, os participantes serão incentivados a "pensar, conhecer, pesquisar, aprender com o corpo inteiro, ao equilibrarem as potências da razão pelas da emoção, das sensações, da gestualidade, da imaginação". (GAUTHIER, 2012, p. 74)

Antes de iniciarmos a metodologia da pesquisa sociopoética propriamente dita, cujo primeiro passo é a formação do grupo-pesquisador, envolvendo uma negociação prévia com a instituição, é fundamental realizar um mapeamento das práticas e narrativas de resistência. Esse mapeamento será baseado no inventário das pesquisas sociopoéticas já desenvolvidas no Observatório das Juventudes e Violências na Escola (OBJUVE) e no Núcleo de Estudos e Pesquisas "Educação, Gênero e Cidadania" (NEPEGECI). A partir dessa análise, serão identificados os dispositivos que permitirão a constituição mais adequada do grupo-pesquisador, o qual, em um processo colaborativo, irá desenvolver o tema-gerador da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

O cenário de adoecimento juvenil e as práticas educativas

O cenário atual revela uma preocupante realidade em relação à saúde mental e emocional de adolescentes e jovens. Esse contexto de adoecimento juvenil demanda



uma reflexão sobre as práticas educativas e seu papel em uma visão mais integral que evite a dicotomia corpo, mente. Como afirma bell hooks, "entrar na sala de aula determinado a anular o corpo e a nos entregar por inteiro à mente é uma manifestação da cisão entre corpo e mente, um contexto no qual passamos a enxergar o mundo como se estivéssemos fora de nossos corpos". (HOOKS, 2013, p. 254)

Essa cisão entre corpo e mente reflete-se nas práticas educativas tradicionais colonizadoras, que muitas vezes negligenciam os aspectos emocionais e corporais dos estudantes, contribuindo para o agravamento das questões de saúde mental.

Metade de todas as doenças mentais começa aos 14 anos, mas a maioria dos casos não é detectada nem tratada. Em termos da carga da doença entre adolescentes, a depressão é a terceira causa principal. O suicídio é a segunda principal causa de morte entre os jovens de 15 a 29 anos. O uso prejudicial de álcool e drogas ilícitas entre adolescentes é uma questão importante em muitos países e pode levar a comportamentos de risco, como sexo inseguro ou direção perigosa. Transtornos alimentares também são motivo de preocupação. (OMS/FMSM) (<https://bvsmms.saude.gov.br>)

Nossa reflexão não seria suficiente se não considerássemos, ainda, o ambiente social como condicionante para o adoecimento da juventude. As escolas superlotadas replicadoras de conteúdo sem relação com a realidade, os novos padrões de beleza inalcançáveis a serem perseguidos nas redes sociais, o modelo de vida para o consumo onde ter é melhor que ser, "denunciam uma forma de pensar e agir que encarcera, silencia, anula, mutila e mata a vida de milhares de jovens sob o efeito de diferentes marcadores da exclusão e da alienação econômica, social e política neste país. (ADAD; SILVA, 2021, p.315)

O espaço virtual, foi potencializado principalmente no pós-pandêmico como um espaço de construção de subjetividades e dominação. Essa nova configuração da vida do jovem que não desliga, que está sempre pressionado por resultados curriculares, pelo corpo perfeito, pelo consumismo e pela mídia põe as pessoas em estado de vigília permanente e em fluxo mental constante, fator claramente adoecedor. Além disso, o uso excessivo da tecnologia, é uma forma de manter o corpo em produção de riqueza até quando está deitado "em descanso".

Se o poder ainda depende de um controle estreito sobre os corpos (ou de sua concentração em campos), as novas tecnologias de destruição estão menos preocupadas com a inscrição de corpos em aparatos disciplinares do que em inscrevê-los, no momento oportuno, na ordem da economia máxima (MBEMBE, 2018, p. 59)

Levantar o debate sobre questões como essas é o que justificam a proposição deste projeto e sua realização. Sua relevância está exatamente em colocar luz nessa



problemática e provocar reflexões mais aprofundado sobre a saúde física, mental, emocional e social da juventude brasileira dentro das instituições de ensino, pensando inclusive a partir de seus documentos oficiais até porque "nenhuma educação é politicamente neutra"(HOOKS, 2013, p. 55). Precisamos trabalhar coletivamente na construção das instituições de ensino em espaços, verdadeiramente acolhedores, como um lugar de cura e abrigo.

Por uma educação transformadora

Diante desse cenário, faz-se necessário repensar as práticas educativas, buscando abordagens que integrem corpo, mente e emoções. Paulo Freire(1987), já apontava para a necessidade de uma educação libertadora que busca no coletivo e na colaboração,

...a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens." (FREIRE, 1987, p. 81)

Ainda nessa perspectiva, bell hooks propõe uma educação engajada, que valorize o entusiasmo no processo de aprendizagem onde "o eros é uma força que intensifica nosso esforço global de auto-atualização, que pode proporcionar uma base epistemológica que nos permite explicar como conhecemos o que conhecemos." (HOOKS, 2013, p. 258)

É necessário pensar em projetos educativos que tenham a capacidade de acolher e dialogar com diferentes conhecimentos e saberes, problematizando-os com o intuito de evidenciar contradições e potencialidades, visando o desenvolvimento de processos políticos e organizativos associados à emancipação e à transformação social" (LIMA; MELO, 2016, p. 203).

A proposta de uma educação transformadora encontra ressonância nas ideias que valorizam a experiência corporal como uma prática educativa para a construção e partilha de conhecimento. No artigo Como se Aprende com o Corpo em Movimento: Narrativas de Futuros Pedagogos em Formação na Temática das Juventudes, questões fundamentais são levantadas: "Qual a relação entre corpo e movimento? Como se aprende com o corpo em movimento? O que pode o corpo, tendo a arte como potência para o movimento?" (ADAD; SILVA, 2013, p. 20). Essas perguntas formam a base deste projeto de pesquisa, destacando o corpo como um recurso vital para a criação de novas formas de conhecimento e transformação educacional.

Corpo no tempo espiralar



A concepção do corpo como uma entidade dinâmica que transcende o físico é uma das ideias centrais na pesquisa. Leda Maria Martins oferece uma perspectiva que compreende o corpo como um espaço onde memórias, vivências e identidades se entrelaçam de maneira contínua e fluida,

...desafiando também nossa ideia de um tempo linear progressivo, realizado por um antes e um depois, aqui, sim, composto por temporalidades múltiplas e adjuntas, que se tocam, se avizinham e se afetam mutuamente.(MARTINS, 2021, p.155).

Ao considerar o tempo como espiralar, a pesquisa se alinha a uma abordagem que valoriza as experiências passadas dos jovens, não como eventos isolados, mas como parte de um processo contínuo que influencia suas percepções atuais e futuras. Isso se reflete nas práticas artísticas performáticas, que servem como uma plataforma para que esses jovens explorem suas memórias e experiências através do corpo. Ao se engajar nessas práticas, os jovens têm a oportunidade de se expressar, reescrever suas narrativas e desafiar as normas que os marginalizam.

Nesse sentido, o corpo se torna um dispositivo central na produção de conhecimento, especialmente em práticas educativas que buscam desafiar as epistemologias tradicionais. Adad e Sousa (2020) reforçam a importância do corpo como um agente na construção de saberes, argumentando que,

É afirmando suas diferenças, portanto, que inúmeros jovens da periferia teimam em mostrar e descobrir aquilo que queremos ignorar, relegar e esconder, afirmando a vida para além de seu aspecto homogeneizante e, por isso, muitas vezes, fazendo uso da arte e do corpo para expressão de seus desejos e valores... (ADAD; SILVA, 2021, p.321)

Para os jovens envolvidos nesta pesquisa, muitos oriundos de contextos periféricos e marginalizados, a ancestralidade representa um elo com suas raízes culturais e familiares, uma forma de "contracolonizar operando no corpo"(ADAD; SILVA, 2021, p.321) e experimentar no tempo. A ancestralidade, assim, proporciona uma perspectiva mais ampla e complexa sobre o processo de criação e autoconhecimento a partir de um corpo coletivo.

No processo de criação performática, o corpo-tela emerge como uma metáfora poderosa. O corpo não apenas carrega as marcas das experiências passadas, o corpo-tela, nesse sentido, é um subsídio teórico que reflete as experiências dos jovens, permitindo que eles utilizem suas performances como uma forma de expressar suas histórias, dores e conquistas. A performance, como uma extensão do corpo, torna-se um meio pelo qual o tempo é inscrito e reconfigurado de acordo com as narrativas individuais e coletivas.



O corpo-tela como corpo-imagem faz-se também como imagem mental, aliando a aparência do ser às suas vibrações, portando e postulando pensamentos. Como nos alerta Etienne Samain, imagens são formas pensantes. Como tal, veiculam pensamentos que de várias maneiras nos afetam e cujas recepção e percepção têm o poder de também afetar e de prolongar, no tempo, as imagens e suas aderências (MARTINS, 2021, p. 80)

O conceito de eros apresentado por Hooks (2013) também contribui para a compreensão do corpo e do tempo no processo educacional. Segundo a autora, “o eros é uma força que intensifica nosso esforço global de auto-atualização, que pode proporcionar uma base epistemológica que nos permite explicar como conhecemos o que conhecemos” (HOOKS, 2013, p. 258). Essa perspectiva se alinha à ideia de que o corpo, ao participar de práticas artísticas e performáticas, não é apenas um veículo de expressão, mas também um meio de produção de saberes, capaz de transformar o espaço educativo em um lugar de resistência.

Por fim, as reflexões de Hooks (2013) sobre o mundo público da aprendizagem institucional revelam como o corpo é frequentemente anulado no ambiente escolar, sendo ignorado como um recurso epistemológico. “O mundo público da aprendizagem institucional é um lugar onde o corpo tem de ser anulado, tem de passar despercebido” (HOOKS, 2013, p. 253). No entanto, nesta pesquisa, o corpo é resgatado como um elemento central na construção coletiva de sentidos — uma educação de acolhimento e bem-estar, que reconhece a importância das experiências na formação das identidades.

Arte, corpo e educação

A arte, em suas diversas formas, tem o poder de transformar, ampliando as maneiras de perceber e experimentar o mundo. Assim, “a arte, quando aliada às práticas educativas, tem o potencial de provocar deslocamentos e rupturas nas formas tradicionais de ensino-aprendizagem” (ADAD; LEITE, 2020, p. 257). A arte não apenas educa, mas também desestabiliza estruturas rígidas de poder e conhecimento, criando espaço para novas formas de aprender e ensinar. Isso é especialmente relevante para contextos periféricos e marginalizados, onde as práticas artísticas permitem aos jovens reconfigurar suas narrativas e reivindicar sua existência.

No âmbito das oralituras, o gesto não é apenas uma representação mimética de um aparato simbólico, veiculado pela performance, mas institui e instaura a própria performance. Ou, ainda, o gesto não é apenas narrativo ou descritivo, mas, fundamentalmente, performativo. O gesto, como uma poiesis do movimento e como forma mínima, pode suscitar os sentidos mais plenos.



O gesto esculpe, no espaço, as feições da memória, não seu traço mnemônico de cópia especular do real objetivo, mas sua pujança de tempo em movimento. (MARTINS, 2021, p. 89)

Dentro da contemporaneidade a imagem exerce poder de centralidade em todas as relações. O audiovisual é um desses instrumentos de percepção do tempo em movimento e de memória. Uma forma estratégica de olhar, de permitir a atribuição de sentidos e significados ao território ancestral, às pessoas, aos patrimônios, construindo conexões e afetos. O audiovisual, o mundo do som e da imagem, da comunicação digital são uma realidade no tempo presente, cada vez mais fazem parte do cotidiano de crianças, jovens e adultos.

...as imagens podem ser também sonoras e cinéticas e essas suas qualidades são contíguas. Em muitas das realizações estéticas e criativas aqui evocadas, o convite a ver é precedido pelo convite a escutar, pois também nos revelam a formação e o registro de imagens; mas imagens que se apresentam aos nossos olhares e à nossa escuta. Essa interdependência é relevante e convida à expansão não apenas de nossos olhares, mas também de nossa capacidade de ouvir e de toda a nossa percepção sensorial, pois a escuta das imagens é uma das entradas para o universo em que os movimentos, os sons, as luminosidades e os aromas têm cores e desenhos paisagens de saberes, âmbito privilegiado das oralidades. (MARTINS, 2021, p. 79)

Evidencia-se a importância de práticas educativas transformadoras, que integrem corpo, mente e experimentação, como forma de enfrentar o cenário de adoecimento mental juvenil. A sociopoética emerge como uma metodologia promissora para esse fim, permitindo a criação de espaços de diálogo, reflexão e produção coletiva de conhecimento sobre educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada teórica que percorremos evidencia uma urgência incontornável: a crise do adoecimento mental juvenil exige que a escola se reinvente e deixe de ser um espaço de silenciamento do corpo e das emoções. O projeto de pesquisa aqui apresentado é um manifesto por essa transformação, propondo que a prática educativa se liberte da cisão histórica entre mente e corpo, tão criticada por Bell Hooks. Não se trata apenas de mudar o currículo, mas de alterar profundamente o modo de ser e estar na instituição, mudar a temporalidade, promovendo uma pedagogia baseada no exercício da coletividade e diversidade.

Nesse sentido, a Sociopoética e a perspectiva do Corpo no Tempo Espiral de Leda Maria Martins se consolidam como bússolas metodológicas e conceituais. Elas



nos convidam a enxergar o corpo do jovem não como um recipiente a ser preenchido, mas como "corpo-tela" onde memórias e saberes ancestrais se inscrevem e se ressignificam. A performance e o audiovisual se tornam, assim, dispositivos artísticos vitais para que os jovens, especialmente aqueles de contextos periféricos, possam contracolonizar o espaço educativo e expressar suas histórias e dores com potência.

Portanto, ao final deste percurso inicial, o projeto se firma como uma aposta na capacidade inventiva da juventude e da arte. A análise dos temas e confetos que emergirão das oficinas sociopoéticas não será apenas um acúmulo de dados, mas a construção de um novo repertório de práticas educativas sensíveis. Acreditamos que, ao honrar o corpo e a subjetividade no processo de ensino-aprendizagem, abrimos caminho para que a escola se torne um território de cura e abrigo. A pesquisa se lança, com humildade e vigor, na busca por uma educação que seja, de fato, transformadora, inclusiva e profundamente engajada com a vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Pesquisa mostra que 31,5% dos adolescentes brasileiros têm sintomas de depressão. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2019/setembro/pesquisa-mostra-que-31-5-dos-adolescentes-brasileiros-tem-sintomas-de-depressao>. Acesso em: 07 set. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Adolescent mental health. 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>. Acesso em: 07 set. 2024

UNICEF BRASIL. Impactos primários e secundários da COVID-19 em crianças e adolescentes. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/impactos-primarios-e-secundarios-da-covid-19-em-criancas-e-adolescentes-2a-rodada>. Acesso em: 07 set. 2024

GAUTHIER. Jacques. O oco do vento: metodologia de pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba, PR: CRV, 2012.

GAUTHIER, Jacques; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A sociopoética como abordagem de pesquisa e ensino decolonial, contracolonial e libertadora. Educação Aperta, n. 7, p. 262-285, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Adolescent mental health. 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>. Acesso em: 07 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Pesquisa mostra que 31,5% dos adolescentes brasileiros têm sintomas de depressão. 2019. Disponível em:



<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2019/setembro/pesquisa-mostra-que-31-5-dos-adolescentes-brasileiros-tem-sintomas-de-depressao>. Acesso em: 07 set. 2024.

MARTINS, Leda Maria. Performances do Tempo Espiralar, Poéticas do Corpo-Tela. 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DÍAZ, F.; BORDAS, M.; GALVÃO, N.; MIRANDA, T. (Org.). Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2009.

CARVALHÊDO, J. L. P.; CARVALHO, M. V. C.; ARAUJO, F. A. M. (Org.). Produção de conhecimentos na pós-graduação em educação no nordeste do Brasil: realidade e possibilidades. Teresina: EDUPI, 2016.

ADAD, S. J. H. C.; LIMA, J. D. S.; BRITO, A. E. (Org.). Práticas educativas: múltiplas experiências em educação. Fortaleza: EdUECE, 2020.

ALMEIDA, Elmir de; PINHEIRO, Leandro R.; GROPPPO, Luís Antonio; SANTOS IRIART, Mirela Figueiredo (Orgs.). Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos: uma antologia do GT03 da ANPEd. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 529 p. ISBN 978-65-5869-407-6

